

Copyright © 1990 by Palomar S.r.l.
Proibida a venda em Portugal

Título original:
Palomar

Capa:
Hélio de Almeida

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Eliana Antonioli
Touché! Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985.
Palomar / Italo Calvino ; tradução Ivo Barroso.
— São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

ISBN 85-7164-409-8

1. Romance italiano I. Título

94-2777

CDU-853.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances Século 20 : Literatura italiana
853.91
2. Século 20: Romances : Literatura italiana
853.91

2000

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3846-0801
Fax: (11) 3846-0814
www.companhiadasletras.com.br

30

AS FÉRIAS DE PALOMAR



O seio nu

O senhor Palomar caminha ao longo da praia solitária. Encontra raros banhistas. Uma jovem está estendida na areia tomando banho de sol com os seios à mostra. Palomar, homem discreto, volve o olhar para o horizonte marinho. Sabe que, em tais circunstâncias, a aproximação de um desconhecido leva não raro as mulheres a se cobrirem depressa, e isso não lhe parece bom: porque é desagradável para a banhista que tomava seu sol tranqüila; porque o homem que passa se sente um elemento perturbador; porque o tabu da nudez fica implicitamente confirmado; e porque as convenções respeitadas pela metade propagam insegurança e incoerência no comportamento em vez de liberdade e franqueza.

Por isso é que ele, mal vê esboçar-se ao longe o perfil brônzeo rosado de um torso feminino nu, apressa-se em assumir com a cabeça uma postura tal que a trajetória de seu olhar permaneça suspensa no vazio e garanta seu respeito civil pela fronteira invisível que circunda as pessoas.

"Contudo", pensa, seguindo adiante e, mal o horizonte se desobstrui, readquirindo o livre movimento do bulbo ocular, "eu, assim procedendo, ostento uma recusa em ver, ou seja, também acabo por reforçar a convenção que torna ilícita a vista de um seio, ou melhor, instituo uma espécie de sutia mental suspenso entre os meus olhos e aquele seio que, do deslumbramento surgido dos confins de meu campo visual, pareceu-me jovem e

agradável à vista. Em suma, o meu não-olhar pressupõe que eu esteja pensando naquela nudez, que me preocupe com ela, e isto é, no fundo, ainda uma atitude indiscreta e retrógrada."

Voltando de seu passeio, Palomar passa de novo em frente à banhista, e desta vez tem o olhar fixo diante de si, de modo que este aflore com uniformidade equânime a espuma das ondas que se retraem, os cascos dos barcos puxados para o seco, o lençol de espuma estendido sobre a areia, a lua transbordante de pele mais clara com o halo moreno do mamilo e o perfil da costa no embaciamento da distância, acinzentada contra o céu.

"Muito bem", reflete, satisfeito consigo mesmo, prosseguindo o caminho, "consegui fazer com que o seio fosse absorvido completamente na paisagem, e também que meu olhar não passasse mais que o olhar de uma gaivota ou de um peixe."

"Mas será realmente justo proceder assim?", reflete ainda, "ou não passa de um achatamento da pessoa humana ao nível das coisas considerá-la um objeto, e o que é pior, considerar objeto aquilo que na pessoa é específico do sexo feminino? Não estarei talvez perpetuando o velho hábito da supremacia masculina, endurecida com o passar dos anos numa insolência consuetudinária?"

Volta e torna a voltar sobre seus passos. Ora, ao fazer com que seu olhar deslize sobre a praia com objetividade imparcial, procede de maneira que, mal o seio da moça penetre em seu campo de vista, percebe-se uma descontinuidade, um desvio, quase um sobressalto. O olhar avança até quase aflorar a pele estendida, retrai-se, como que avaliando com um leve estremejamento a consistência diversa da visão e o valor especial que essa adquire, e por um momento permanece a meia altura, descrevendo uma curva que acompanha o relevo do seio a uma certa distância, elusivamente mas também protetoramente, para depois retomar seu curso como se nada houvesse acontecido.

"Creio que assim minha posição se manifestará bem clara", pensa Palomar, "sem mal-entendidos possíveis. Mas esse sobrevôo do olhar não poderia afinal de contas ser compreendido como uma atitude de superioridade, uma supervalorização daquilo que um seio é e significa, um modo de mantê-lo de certa maneira à

parte, à margem ou entre parêntesis? Eis que então volto a relegar o seio à penumbra em que o mantiveram durante séculos a pudicícia sexomaníaca e a concupiscência como pecado...”

Essa interpretação vai contra as melhores intenções de Palomar, que embora pertencendo a uma geração madura, para a qual a nudez do peito feminino se associava à idéia de uma intimidade amorosa, aceita de maneira favorável essa mudança nos costumes, seja pelo que isso representa como reflexo de uma mentalidade mais aberta na sociedade, seja porque tal vista lhe resulte particularmente agradável. É esse encorajamento desinteressado que gostaria de exprimir em seu olhar.

Faz meia-volta. Em passos decisivos avança mais uma vez em direção à moça estendida ao sol. Agora o seu olhar, lambendo voluvemente a paisagem, deter-se-á no seio com especial cuidado, mas apressando-se em envolvê-lo num impulso de benevolência e gratidão por tudo, pelo sol e o céu, pelos pinheiros recurvos e a duna e a areia e os escolhos e as nuvens e as algas, pelo cosmo que gira em torno daquelas cúspides aureoladas.

Isso deveria bastar para tranquilizar devidamente a banhista solitária e desobstruir o campo das ilações desviadoras. Porém, mal ele volta a aproximar-se, eis que a moça se levanta de um salto, cobre-se, e esbaforida afasta-se com um aborrecido sacudir de ombros como se fugisse das insistências molestas de um sátiro.

“O peso morto de uma tradição de maus costumes impede-a de apreciar em seu justo mérito as intenções mais esclarecidas”, conclui amargamente Palomar.

A espada do sol

O reflexo no mar se forma quando o sol descamba: um brilho ofuscante se estende do horizonte até a costa, feito de uma infinidade de cintilações que ondulam; entre uma cintilação e outra, o azul opaco do mar escurece a sua rede. As barcas brancas tornam-se negras contra a luz, perdem consistência e extensão, como que consumidas por aquele pontilhado resplendente.

É a hora em que o senhor Palomar, homem tardio, pratica sua natação vespertina. Entra na água, afasta-se da praia, e o reflexo do sol se torna uma espada cintilante na água que do horizonte se prolonga até ele. O senhor Palomar nada na espada ou, melhor dizendo, a espada permanece sempre diante dele, retraindo-se a cada uma de suas braçadas e jamais se deixando alcançar. Por todo o espaço em que ele estende os braços, o mar adquire seu opaco tom vespertino, que se alonga até a praia atrás dele.

Enquanto o sol desce para o ocaso, o reflexo branco incandescente se colore de ouro e de cobre. E seja onde for que o senhor Palomar se coloque, o vértice daquele triângulo agudo e dourado é ele; a espada o segue, indicando-o como um ponteiro de relógio que tivesse por eixo o sol.

“É uma homenagem pessoal que o sol me presta”, é tentado a pensar o senhor Palomar, ou melhor, o eu egocêntrico e megalômano que nele habita. Mas o eu depressivo e autopunitivo que coabita com o outro no mesmo contentor objeta: “Todos os que têm olhos vêem o reflexo que os segue; a ilusão dos sentidos e

Exercício de Piano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Augusto de, 1931-
Coisas e anjos de Rilke / Augusto de Campos. --
São Paulo : Perspectiva, 2001. -- (Coleção
signos ; 30)

Bibliografia
ISBN 85-273-0255-1

1. Poesia alemã 2. Rilke, Rainer Maria,
1875-1926 3. Rilke, Rainer Maria, 1875-1926 -
Crítica e interpretação I. Título.

01-2254

CDD- 831

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura alemã 831

Direitos reservados à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401-000 - São Paulo - SP - Brasil
Telefax: (0--11) 3885-8388
www.editoraperspectiva.com.br
2001

Título original: *Vendredi ou les limbes du Pacifique*

© 1972, Éditions Gallimard

© Posfácio de Gilles Deleuze, do livro *Lógica do sentido*,
Coleção Estudos, publicado sob licença da Editora Pers-
pectiva S/A — São Paulo.

Capa: Isabel

Editoração: Art Line

2001

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T667s Tournier, Michel, 1924-
3. ed. Sexta-feira, ou, Os limbos do Pacífico / Michel Tournier;
tradução de Fernanda Botelho; posfácio, Gilles Deleuze. -
3. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
256p.

Tradução de: *Vendredi, ou, Les limbes du Pacifique*
ISBN 85-286-0378-4

1. Ficção francesa. I. Botelho, Fernanda, 1926-. II. Título.
III. Título: Os limbos do Pacífico.

01-0545

CDD - 843

CDU - 840-3

Todos os direitos reservados pela:
BCD UNIÃO DE EDITORAS S.A.
Av. Rio Branco, 99 - 20º andar - Centro
20040-004 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (0xx21) 263-2082 Fax: (0xx21) 263-6112

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quais-
quer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Übung am Klavier

Der Sommer summt. Der Nachmittag macht müde;
sie atmete verwirrt ihr frisches Kleid
und legte in die triftige Etüde
die Ungeduld nach einer Wirklichkeit,

die kommen konnte: morgen, heute abend —,
die vielleicht da war, die man nur ver barg;
und vor den Fenstern, hoch und alles habend,
empfand sie plötzlich den verwöhnten Park.

Da brach sie ab, schaute hinaus, verschränkte
die Hände, wünschte sich ein langes Buch —
und schob auf einmal den Jasmingeruch
erzürnt zurück. Sie fand, daß er sie kränkte.

Exercícios ao Piano

O calor cola. A tarde arde e arqueja.
Ela arfa, sem querer, nas leves vestes
e num *étude* enérgico despeja
a impaciência por algo que está prestes

a acontecer: hoje, amanhã, quem sabe
agora mesmo, oculto, do seu lado;
da janela, onde um mundo inteiro cabe,
ela percebe o parque arrebicado.

Desiste, enfim, o olhar distante; cruza
as mãos; desejaria um livro; sente
o aroma dos jasmims, mas o recusa
num gesto brusco. Acha que á faz doente.

gando todos os cambiantes, petrificando todos os frêmitos, simplificando a expressão até às raias da grosseria. Ah! Sim! A barba quadrada que o emoldurava de orelha a orelha em nada se parecia com a sedosa e delicada doçura da do Nazareno. Era do Antigo Testamento e da sua justiça primária que ela provinha, bem como o olhar por demais franco, cuja mosaica violência até assustava.

Narciso de um tipo novo, abismado de tristeza, com recrudescido nojo de si, longamente meditou frente a frente consigo próprio. Compreendeu que o rosto é essa parte da carne modelada e remodelada, aquecida e permanentemente animada pela presença dos nossos semelhantes. Um homem que acaba de deixar alguém com quem teve animada conversa: guarda-lhe o rosto por algum tempo uma vivacidade remanescente que só aos poucos se extingue e cuja flama voltará a cintilar com o aparecimento de outro interlocutor. "Um rosto extinto. Um grau de extinção por certo nunca antes atingido na espécie humana". Robinson pronunciara tais palavras em voz alta. Ora, a face, ao serem proferidas as pesadas palavras, não se mexera mais que uma buzina de corno ou uma trompa de caça. Esforçou-se por ter um pensamento alegre e tentou sorrir. Impossível. Havia na verdade algo de gelado no seu rosto, e seriam necessários longos e joviais reencontros com os seus para provocar um degelo. Só o sorriso de um amigo lhe restituiria o sorriso...

Arrancou-se ao horrível fascínio do espelho para olhar à sua volta. Não tinha ele quanto lhe era necessário naquela ilha? Podia matar a sede, apaziguar a fome, providenciar a segurança própria e até o conforto; a Bíblia lá estava para lhe satisfazer as exigências espirituais. Mas quem, quem derreteria, pela simples virtude de um sorriso, aquele gelo que lhe paralisava o rosto? Desceram-lhe os olhos para *Tenn*, sentado no chão à sua direita, focinho erguido para ele. Teria tido uma alucinação? *Tenn sorria para o dono*. Num só lado do focinho, o beijo negro, mostrando finos dentes, erguia-se e descobria uma dupla

fileira de presas. Ao mesmo tempo, inclinava a cabeça para o lado, de uma maneira engraçada, e dir-se-ia que os olhos cor de avelã piscavam ironicamente. Robinson, o olhar velado de emoção, agarrou com as duas mãos a grande cabeça felpuda. Coloria-lhe as faces um calor esquecido e tremiam-lhe as comisuras dos lábios com um imperceptível estremecimento. Era como nas margens do Ouse, quando o primeiro sopro de março fazia adivinhar os próximos sobressaltos da Primavera. *Tenn* prosseguia com a careta e Robinson contemplava-o apaixonadamente no intuito de recuperar a mais doce das faculdades humanas. Tornou-se como que um jogo entre eles. Robinson interrompia de repente o seu trabalho, a sua caça, o seu caminhar pela borda d'água ou no bosque — ou então acendia, a meio da noite, um archote resinoso — e o seu rosto, que já só estava semimorto, punha-se a fixar *Tenn* de uma certa maneira. E o cão sorria-lhe, cabeça inclinada, e o seu sorriso de cão refletia-se, mais distintamente de dia para dia, no rosto humano do próprio dono.

*

Já a alvorada se tornara rósea, mas ainda não se iniciara o grande concerto das aves e dos insetos. Nem uma aragem animava as palmas que engrinaldavam a porta escancarada da residência. Robinson abriu os olhos muito mais tarde que habitualmente. Logo se deu conta do fato, mas, como por certo ainda lhe dormia a consciência moral, não lhe atribuiu importância. Imaginou, como em panorâmica, todo o dia que o esperava à porta. Em primeiro lugar, o seu arranjo pessoal, em seguida a leitura da Bíblia frente à estante, depois a saudação às cores e a "abertura" da fortaleza. Faria oscilar a ponte por sobre o fosso e libertaria as saídas obstruídas pelos blocos de rocha. A manhã seria consagrada ao gado. As cabras com as

marcas B 13, L 24, G 2 e Z 17 deviam ser levadas ao bode. Robinson imaginava, não sem um certo nojo, a pressa indecente que movia aquelas diabólicas fêmeas, sobre as pernas secas estorvadas pelas tetas, até ao reduto dos machos. Quanto ao mais, deixá-las-ia fornicar à vontade durante toda a manhã. Teria ainda de visitar a coelheira artificial, cuja instalação estava a tentar. Era uma encosta arenosa, semeada de urzes e giestas, na qual tinha feito uma pequena cerca de pedras secas, e onde cultivava nabos selvagens, luzerna virgem e um canteiro de aveia para reter no local uma colônia de agutis, espécie de lebres douradas com orelhas curtas, de que só conseguira matar raros exemplares desde que chegara a Speranza. Seria necessário ainda, antes do almoço, encher até ao nível devido os seus três viveiros de água doce, que o tempo seco punha perigosamente à prova. Então almoçaria às pressas, mesmo de pé, e vestiria em seguida o grande uniforme de general, pois que o aguardava uma tarde sobrecarregada de obrigações oficiais: atuação do recenseamento das tartarugas do mar, presidência da comissão legislativa da Carta e do Código Penal e, finalmente, inauguração de uma ponte de cipós, audaciosamente lançada por sobre um barranco de cem pés de profundidade, em plena floresta tropical.

Robinson perguntava a si próprio, com certo acabrunhamento, se encontraria tempo para, além do mais, acabar o caramanchão de samambaias arborescentes cuja construção iniciara na orla da floresta, junto à borda da baía, e que viria a ser ao mesmo tempo um excelente gabião de vigia para o mar e um refúgio de sombra verde nas horas mais quentes do dia, quando subitamente compreendeu a causa do seu tardio despertar: esquecera-se, na véspera, de guarnecer a clepsidra, e ela parara. Para dizer a verdade, o silêncio insólito que reinava no aposento fora-lhe revelado pelo ruído da última gota a cair na bacia de cobre. Voltando a cabeça, verificou que a próxima gota aparecia timidamente sob o garrafão vazio, esticava-se,

adotava um perfil piriforme, hesitava como se desencorajada, retomava a forma esférica, chegava a remontar à sua origem, renunciando decididamente a cair, e até preparando uma inversão do curso do tempo.

Robinson estendeu-se voluptuosamente sobre a cama. Era a primeira vez desde há meses que o ritmo obsessivo das gotas desfazendo-se uma a uma dentro da gamela deixava de comandar o menor dos seus gestos com um rigor de metrônomo. O tempo suspendera-se. Robinson estava de férias. Sentou-se na beira da cama. *Tenn* veio amorosamente pousar-lhe o focinho nos joelhos. Concluía-se, pois, que a plenipotência de Robinson sobre a ilha, filha da sua absoluta solidão, ia mesmo até ao domínio do tempo! Calculava, enlevado, que no futuro só de si próprio dependia arrolhar a clepsidra, desta feita suspendendo o vôo das horas.

Levantou-se e foi colocar-se na moldura da porta. O feliz deslumbramento que o envolveu fê-lo vacilar e obrigou-o a encostar o ombro ao alisar. Refletindo, mais tarde, sobre esta espécie de êxtase que se apoderara dele e procurando dar-lhe um nome, chamou-lhe um *momento de inocência*. Acreditara, a princípio, que a paragem da clepsidra mais não fizera do que alargar as malhas do seu emprego de tempo e suspender a urgência dos seus afazeres. Apercebia-se agora de que a pausa feita tinha para toda a ilha um alcance maior do que para si. Dir-se-ia que todas as coisas, ao cessarem repentinamente de se inclinar umas para as outras no sentido do seu uso e da sua usura, tinham, cada uma de per si, tombado da sua essência, exibiam todos os seus atributos, existiam por si próprias, innocentemente, sem procurar justificação que não fosse a da perfeição própria. Caía do céu uma grande doçura, como se Deus, num súbito impulsó de ternura, tivesse resolvido abençoar todas as suas criaturas. Havia, suspenso no ar, algo de venturoso, e, durante um breve instante de indizível alegria, Robinson julgou descobrir uma *outra ilha* atrás daquela outra onde há tanto

tempo solitariamente penava, outra ilha mais fresca, mais quente, mais fraternal, que a mediocridade das suas preocupações normalmente lhe mascarava.

Descoberta maravilhosa: era, pois, possível escapar à implacável disciplina do emprego do tempo e das cerimônias, sem, no entanto, recair no chiqueiro! Era possível *mudar* sem tombar. Podia romper o equilíbrio tão laboriosamente adquirido, e elevar-se em vez de degenerar. Acabava indiscutivelmente de transpor um degrau na metamorfose que lhe trabalhava a parte mais secreta. Mas tratava-se de um passageiro clarão. A larva pressentira, num breve êxtase, que um dia havia de voar. Inebriante visão — mas transitória!

Daí para frente, recorreu muitas vezes à pausa da clepsidra para se entregar a experiências que talvez um dia retirassem da crisálida, onde ainda dormia, o novo Robinson. Mas a sua hora ainda não chegara. A *outra ilha* não saiu da névoa rósea da aurora, como essa memorável manhã. Robinson apanhou pacientemente o seu velho despojo e continuou o jogo no ponto em que o deixara, esquecendo, no encadeamento das tarefas menores e do cerimonial, que lhe fora possível aspirar a algo diferente.

★

Log-book — Não sou versado em filosofia, mas as longas meditações a que estou reduzido por força, e sobretudo a espécie de deterioração que atinge alguns dos meus mecanismos mentais, dada a privação de toda e qualquer sociedade, levam-me a algumas conclusões relativas ao antigo problema do conhecimento. Parece-me, numa palavra, que a presença de outrem, e a sua introdução despercebida em todas as teorias, é uma

causa grave de confusão e obscurecimento na relação do que conhece e do conhecido. Não que o outro não deva representar papel eminente nesta relação, mas seria necessário que tal se processasse no devido tempo e só em plena luz, não de maneira intempestiva e como que às ocultas.

Num aposento obscurecido, uma vela levada de um lado para outro ilumina certos objetos, deixando outros no escuro. Emergem das trevas, iluminados por um momento, e logo de novo se fundem com a noite. Ora, o fato de serem ou não iluminados não altera nada, nem da sua existência nem da sua natureza. O que eram antes de ter passado por eles o raio luminoso assim continuam durante e após a passagem.

Tal é a imagem que sempre mais ou menos fazemos do ato de conhecimento — representando a vela o sujeito que conhece, e todo o conhecido sendo representado pelos objetos iluminados. Eis agora o que a minha solidão me ensinou: este esquema só se refere ao conhecimento das coisas *através de outrem*, isto é: um setor estreito e particular do problema do conhecimento. Um estranho introduzido em minha casa, um estranho que descobre certos objetos, que os observa e depois se desliga deles e passa a interessar-se por outras coisas — eis a correspondência exata do mito da vela que alguém leva dentro de um quarto escuro. O problema geral do conhecimento deve pôr-se num estádio anterior e mais fundamental, visto que para podermos falar de um estranho em minha casa, bisbilhotando as coisas que lá se encontram, é necessário que eu esteja presente, envolvendo com o olhar o meu quarto e observando a manobra do intruso.

Há assim dois problemas do conhecimento, ou antes: dois conhecimentos que devem isolar-se a golpe

de espada, e que eu teria continuado a confundir, não fosse o destino extraordinário que me dá uma visão absolutamente nova das coisas: o conhecimento *através de outrem* e o conhecimento *através de mim*. Misturando os dois com o pretexto de que a outra pessoa é um *outro* eu, não se chega a nenhuma conclusão. Ora, é isso que se faz quando se imagina o sujeito conhecedor como um indivíduo qualquer, que entra num aposento e, vendo, tocando, cheirando, logo identifica os objetos que ali se encontram. Porque este indivíduo é o *outro*, mas estes objetos, sou eu — observador de toda a cena — quem os conhece. Para colocar corretamente o problema, urge, pois, descrever a situação, não de *outrem* a penetrar no aposento, mas de *mim* próprio a falar e a ver. O que vou tentar.

Quando nos esforçamos por descrever o eu sem o assimilar a *outrem*, impõe-se uma primeira observação, e é a de que ele só existe de maneira intermitente e, no fim de contas, bastante rara. A sua presença corresponde a um modo de conhecimento secundário e como que reflexivo. O que se passa, realmente, de maneira primária e imediata? Pois bem! Os objetos estão lá todos, brilhando ao sol ou recolhidos à sombra, rugosos ou macios, pesados ou leves; são conhecidos, saboreados, pesados, e até cozidos, polidos, dobrados, etc. sem que esse eu que conhece, saboreia, pesa, coze, etc. por qualquer forma exista, salvo se se cumpre o ato de reflexão que me faz surgir, e ele raramente se cumpre. No estádio primário do conhecimento, a consciência que eu tenho de um objeto é o próprio objeto, o objeto é conhecido, cheirado, etc., sem alguém que conheça, cheire, etc. Não devemos falar aqui de uma vela que projeta um raio luminoso sobre as coisas. Tal imagem deve ser substituída por outra: a dos obje-

tos fosforescentes por si próprios, sem algo exterior a iluminá-los.

Há neste estádio ingênuo, primário e como que impulsivo, que é o nosso modo normal de existência, uma feliz solidão do conhecido, uma virgindade das coisas que, todas elas, possuem em si próprias, como outros tantos atributos da sua última essência — cor, odor, sabor e forma. Então Robinson é Speranza. Só tem consciência de si através das frondes dos mirtos, onde o sol dardeja um punhado de flechas, só se conhece na espuma da onda deslizando sobre a areia dourada.

E de repente a mola salta. O sujeito arranca-se ao objeto, despojando-o de uma parte da sua cor e do seu peso. Algo estalou no mundo e um pedaço das coisas abate-se, tornando-se *eu*. Cada objeto é desqualificado em proveito de um sujeito correspondente. A luz torna-se olho, e já não existe como tal: é só excitação da retina. O odor torna-se narina, e o próprio mundo revela-se inodoro. A música do vento nos *paletúvios* é refutada: mais não é do que perturbação do tímpano. O mundo inteiro acaba por se fundir na minha alma, que é a própria alma de Speranza, arrancada à ilha, a qual morrerá sob o meu olhar cético.

Deu-se uma convulsão. Um objeto degradou-se bruscamente em sujeito. Porque sem dúvida o merecia, já que todo mecanismo tem um sentido. Nó de contradições, foco de discórdia, foi eliminado do corpo da ilha, ejetado, repellido. A mola corresponde a um processo de racionalização do mundo. O mundo busca a sua própria racionalidade e, ao fazê-lo, evacua esse resíduo, o sujeito.

Um dia singrava em direção a Speranza um galeão espanhol. O que há de mais verossímil? Mas há mais

de um século que os últimos galeões desapareceram da face dos oceanos. Mas havia uma festa a bordo. Mas o navio, em vez de ancorar e de arriar uma chalupa, costeou a margem, como se a mil léguas dali. Mas uma mocinha vestida à antiga contemplava-me da popa, e essa mocinha era a minha irmã, falecida há dois lustros... Tantas insanidades não eram viáveis. A mola saltou e as pretensões à existência do galeão foram repelidas. Tornou-se alucinação de Robinson. Fundiu-se neste sujeito: um Robinson esgazeado, presa de uma febre cerebral.

Um dia, ia eu pela floresta. Cem passos adiante, erguia-se um tronco a meio de uma vereda. Um tronco estranho, dir-se-ia peludo, com um vago perfil de animal. E então o tronco mexeu. Mas era absurdo, um tronco não mexe! E então o tronco transformou-se em bode. Mas como pode um tronco transformar-se em bode? Era preciso que a mola saltasse. E saltou. O tronco desapareceu definitivamente e até *retroativamente*. Sempre houvera um bode. Mas e o tronco? Tornara-se uma ilusão de óptica, a vista defeituosa de Robinson.

O sujeito é um objeto desqualificado. O meu olho é o cadáver da luz, da cor. O meu nariz é tudo o que resta dos odores quando a sua irrealidade fica demonstrada. Mas a minha mão refuta a coisa tida. Logo, o problema do conhecimento nasce de um *anacronismo*. Implica a simultaneidade do sujeito e do objeto, cujas misteriosas harmonias desejava iluminar. Ora, o sujeito e o objeto não podem coexistir porque são a mesma coisa, a princípio integrada no mundo real, depois lançada à escória. Robinson é o excremento pessoal de Speranza. Esta fórmula espinhosa enche-me de sombria satisfação. Pois mostra-me a senda estreita e escarpada

da salvação, de uma certa salvação pelo menos, a de uma ilha fecunda e harmoniosa, 'perfeitamente cultivada e administrada, forte pelo equilíbrio de todos os seus atributos, seguindo sempre direito, sem mim, pois que tão próxima de mim que, mesmo como puro olhar, já seria demasiado de mim, e tornar-se-ia necessário reduzir-me a esta fosforescência íntima que faz cada coisa ser conhecida sem alguém que conheça, consciente sem alguém que tenha consciência... O sutil e puro equilíbrio, tão frágil, tão precioso!

•

Mas já se impacientava por deixar tais devaneios e especulações, e pisar o solo firme de Speranza. Julgou um dia ter encontrado um caminho concreto para a intimidade mais secreta da ilha.